



ouverture\_pre.lú.di.o.  
**ANTÓNIO ARAGÃO, antena receptiva (1921-2008)**

---

Rui Torres  
FCHS-UIP e ICNOVA

Bruno Ministro  
ILCML-FLUP

Ana Salgueiro  
UMa-CIERL, CECC-UCP e DRABM/CEHA-AV

---

DOI: 10.34640/universidademadeira2022torresministrosalgueiro



## ANTÓNIO ARAGÃO, ANTENA RECEPTIVA (1921-2008)

Nascido a 22.09.1921 na pequena localidade de São Vicente, situada na costa norte da Ilha da Madeira, António Aragão viria a assumir um inegável destaque quer no sistema cultural madeirense, quer no sistema cultural português, através de um percurso intelectual e artístico que sempre procurou fazer pontes com outros sistemas culturais (Itália, Brasil, Espanha, E.U.A, Japão, etc.) e de uma obra plural (Arqueologia, Arquivística, Artes Visuais, Etnografia, História, Literatura), fortemente marcada pelas dinâmicas da transgressão (não raras vezes subversiva), da busca de encontros culturais, estéticos e discursivos improváveis, da experimentação de métodos, técnicas e materialidades discursivas inusitados, da transferência e da recontextualização criativa.

Habitante provisório de várias cidades europeias (Lisboa, Coimbra, Paris, Roma,...), onde viria a realizar a sua formação académica, a regressar pontualmente e a estabelecer uma importante rede de afinidades eletivas que se ramificariam, depois, por outras coordenadas geoculturais e que manteria ativa até ao final da vida (11.08.2008), António Aragão escolhe o Funchal como cidade de residência e de trabalho a partir dos anos 1960, não sendo por isso de estranhar que a paisagem e o património histórico e antropológico desta localidade insular (entre tantas outras do arquipélago) tenham sido objeto da sua atenção em trabalhos de História, de Etnografia ou até de Urbanismo.

Porém, a escolha desta localização e o interesse pela realidade cultural madeirense, numa relação nem sempre pacífica, não inibiram que, a partir do Funchal, António Aragão mantivesse um intenso e continuado diálogo com artistas, projetos e organizações situados em outras geografias nacionais e internacionais, num claro alinhamento com o *ecumenismo poético internacional* que ele próprio, mais tarde, identificaria como motor fundamental da Poesia Experimental Portuguesa, movimento interartístico e antissistema de que ele foi um dos principais dinamizadores. O desenvolvimento de práticas de cocriação, a participação em exposições e publicações coletivas internacionais e intergeracionais ou até a sua ligação à Arte Postal ilustram inequivocamente o seu envolvimento numa intensa rede de comunicação transnacional e, com isto, reforçam o carácter translocal da sua obra.

No ano em que António Aragão completaria cem anos, a revista *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas* edita o seu número anual impresso com o tema de capa *António Aragão, antena receptiva (1921-2008)*, em colaboração direta com o grupo dinamizador das iniciativas intituladas *MULTIPLICIDADE DA EXPERIÊNCIA. António Aragão (1921-2008), antena receptiva*<sup>1</sup>, com o propósito de evocar o centenário do autor madeirense.

Tomando como mote a metáfora de Aragão (“antena receptiva”) e adotando uma dinâmica colaborativa, interdisciplinar e translocal idêntica à que caracterizou a sua obra, o n.º 4 da revista *TRANSLOCAL*, experimentando o cruzamento do formato impresso com o formato digital online, apresenta-se como

---

<sup>1</sup> Sobre as iniciativas integradas em *MULTIPLICIDADE DA EXPERIÊNCIA. António Aragão (1921-2008), antena receptiva*, ver: <https://po-ex.net/antonioaragao2021/>

um espaço de simultânea captação e irradiação do trabalho académico, de criação artística e de dinamização cultural desenvolvido *sobre* e com a obra de António Aragão.

Abrindo com a habitual secção de “Ensaio Visuais”, a presente edição reúne aqui trabalhos de César Figueiredo (“ERA ARA”), de António Barros (“Aragão Testa\_Mento“ e “AA\_SILÊNCIO | CAGE ENCONTRA ARAGÃO\_ARAGÃO ENCONTRA CAGE”) e de Rita Rodrigues (“CU ra Ção» / «CU r Ação» / «Co Ração»”) com um carácter marcadamente visual, transgressivo e provocatório, que podemos, portanto, ler no espírito de Aragão.

A secção seguinte, neste n.º 4 intitulada “Ensaio e Artigos”, inclui uma seleção de textos resultantes das comunicações apresentadas no Colóquio os *sinais são as evidências que permanecem sempre apontando*, promovido pela Universidade Fernando Pessoa em julho de 2021. O primeiro texto documenta a conferência inaugural de Bruno Ministro, “Combinatória dialógica em António Aragão. Potência, potencial, potencialidade: histórias, Histórias e istórias”, mapeando semelhanças e diferenças entre as obras de Aragão, entendidas como um todo, revelando a transversalidade e diversidade da prática artístico-literária do autor. Segue-se um conjunto de nove outros artigos que abordam uma pluralidade de temáticas que sinaliza a abrangência e multiplicidade da obra de Aragão, percorrendo a história e a etnografia (“*Para mim, eu meto o telescópio ao contrário, é olhar para dentro: O experimentalismo etnográfico de António Aragão*”, por Diogo Marques e Ana Gago), a pintura e a escultura (“António Aragão entre linhas, cores e volumes”, por Isabel Santa Clara), a poesia e a prosa (“Um Buraco no Ovo: problemáticas da linguagem em António Aragão”, por Sandra Guerreiro Dia), as novas morfologias concretas e visuais (“António Aragão e Herberto Helder: entre o experimentalismo e a experiência literária”, por Ana Cristina Joaquim; e “Breves apontamentos sobre a cor, o papel, o gesto, e o verbal em António Aragão”, de Wagner Moreira), as tecnologias e os suportes (“António Aragão e as relações entre arte, ciência, tecnologia e sociedade”, por Pablo Gobira), a estética e a poética (“Com licença, desarrumo-te o meu perfil: a mineração das palavras na poesia de António Aragão, Alberto Pimenta e Affonso Ávila, por Rogério Barbosa da Silva), a intervenção e movimento(s) (“António Aragão e a linguagem da sexualidade: acerca do título *um buraco na boca* para uma reflexão linguística”, por Helena Rebelo), os diálogos e a comunicação (“Responde agora a uma nova sedução: Possíveis rastros de António Aragão na criação de Herbert Vianna”, por Aurora Almeida de Miranda Leão).

Por seu turno, na secção “Olhares Cruzados” editamos registos documentais, testemunhos e reflexão crítica que dão conta de dinâmicas criativas e culturais desenvolvidas na Madeira em 2021, para assinalar o centenário do nascimento de António Aragão.

Num contributo sobre a exposição intitulada *um desejo inconcebível de abrir todas as portas*, Bruno Ministro retoma, com algumas atualizações, o texto da folha de sala da exposição referida e que, entre 17 de setembro e 27 de novembro de 2021, esteve patente na Casa da Cultura de Santa Cruz - Quinta do Revoredo. Privilegiando a “produção literária de Aragão com o objetivo de oferecer aos seus leitores-visitantes [...] um contacto situado com a obra de um dos autores mais relevantes do experimentalismo literário português e internacional”, esta exposição (fazendo jus ao título que, em



jogo recreativo, se apropriou de palavras do próprio autor) procurou “abrir portas ao conhecimento sobre António Aragão através de uma mostra ampla da sua obra”, convocando “as artes, os géneros e os gestos criativos” mais diversos que o poeta e artista experimentou.

Com o propósito de documentar a apresentação, no Teatro Municipal de Baltazar Dias, da peça de teatro *ARAGÃO*, encenada por Sara Gonçalves a partir de um texto de Rui Zink e com estreia no Funchal a 22 de setembro de 2021, inclui-se nesta mesma secção da revista uma breve nota informativa sobre o documentário homónimo da peça, realizado por Ângelo Sousa e Carlota Andrade, a que os leitores podem aceder através da ativação do código QR aí disponibilizado. Reunindo um conjunto de testemunhos de elementos que integraram a equipa da peça *ARAGÃO*, o documentário *ARAGÃO* procura dar conta do que foi o processo criativo desse “espetáculo performático-sonoro-visual”, produzido pela Câmara Municipal do Funchal através do Teatro Municipal Baltazar Dias, em parceria com a Culturproject, a APCA-Agência de Promoção da Cultura Atlântica, e a Funchal 2027.

A encerrar a secção “Olhares Cruzados”, com o título “PALAVRANDO”, reunimos três textos resultantes das intervenções orais dos seus autores em duas das quatro mesas-redondas temáticas organizadas por Emanuel Gaspar e Isabel Santa Clara no Funchal (Universidade da Madeira, Museu Quinta das Cruzes e Quinta Magnólia - Centro Cultural), na Calheta (MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira) e em Santa Cruz (Casa da Cultura de Santa Cruz/ Quinta do Revoredo), também elas incluídas na programação “Evoações - a imaginação passa de espelho receptivo a operante”, parte do ciclo *MULTIPLICIDADE DA EXPERIÊNCIA*. Estes textos são antecidos de uma breve “Introdução” de enquadramento, assinada pelos dois programadores de PALAVRANDO.

No primeiro destes textos, Raquel Gonçalves, em “Pela boca nasce o peixe – Disrupção e transgressão literária em António Aragão, Herberto Helder e António José Forte” (reflexão apresentada a 20 de setembro de 2021 na sessão “Palavrando sobre Literatura”), convida-nos a reler a obra destes três autores, trocando as voltas ao adágio, para, nas suas obras, se redescobrir “uma geração que ousou transgredir e pintar o peixe amarelo, cumprindo a premissa do conto de Helder [“Teoria das Cores”] de que a fidelidade às vezes consiste em assumir que existe apenas uma lei abrangendo o mundo das coisas e o mundo da imaginação, e essa lei é a da metamorfose”. Rui Torres, em “A «ilegibilidade essencial» de António Aragão” (versão escrita da sua intervenção na sessão “Palavrando sobre Artes e Experimentalismos” de 23 de setembro de 2021), sinaliza a singularidade experimental de António Aragão (exigente, mas não difícil), como dinâmica criativa “essencial” de toda a sua obra plural, polimórfica, insubmissa e excêntrica, particularmente inclinada para a questionação “dos limites das artes” e das fronteiras geoculturais, para a “renovação de formas” e para a exploração e problematização da “performatividade normativa dos instrumentos e dos materiais”; um processo criativo que, nesse mesmo sentido, divergindo “do *mainstream*, dos museus oficiais e das academias literárias”, “produziu uma obra que é uma alternativa ao silenciamento opressivo, criticando e ridicularizando os poderes repressores da liberdade” e que, também por isso, continua “vivo, 100 anos depois”. Ainda em “PALAVRANDO”, publicamos “O TRABALHANCO” de Fernando Aguiar, um dos poemas que o autor leu no Quinta Magnólia - Centro Cultural.

A secção “Diálogos” inclui trabalhos criativos de vários autores desenvolvidos em diversos suportes e linguagens expressivas, sempre em estreita comunicação com a figura e a obra de António Aragão. Recorrendo ao desenho, à inscrição/manipulação verbal e à colagem, Eduardo Freitas, num trabalho sem título publicado *hors-texte*, evoca o convívio criativo mantido com António Aragão ao longo de vários anos no Funchal; um trabalho que, também pela adoção deste formato e pelo cruzamento de diversas linguagens plásticas, recupera (saúda e homenageia) o carácter transgressivo da poética de Aragão. Acompanhando este mesmo convite ao transporte do leitor para outros lugares exteriores à revista impressa, mas com ela estabelecendo uma estreita implicação, “Diálogos” apresenta outros quatro trabalhos que, associando imagem em movimento, sons e palavra oralizada, escapam ao formato impresso. “EVOKAÇÃO DE ARAGÃO. Cine-performance de Alberto Pimenta” é um filme de Edgar Pêra onde o realizador traduz para o seu discurso cinematográfico a evocação performativa de António Aragão experienciada por Alberto Pimenta. “Testemunho sobre António Aragão em três tempos” é um vídeo-performance de António Rodrigues, onde este outro artista e amigo de António Aragão evoca o espírito irreverente e questionador por si testemunhado no convívio cúmplice com a obra e a vida do artista. Por sua vez, num registo menos intimista, mas ainda em diálogo com o trabalho de António Aragão, Patrícia Lino, no videopoema “Metanemas: o ódio é a herança”, e D1G1T0\_indivíduo colectivo (i. e. Diogo Marques, Ana Gago, João Santa Cruz), em “metametanemas: acto mútuo de discordância, a partir (de) António Aragão” (uma “espécie de metajogo”), recriam/recombinam/atualizam *metanemas* de António Aragão, movidos por idêntico propósito de “apreensão (crítica) do mundo” contemporâneo.

A encerrar este n.º 4 de TRANSLOCAL, deixamos, como habitualmente, algumas “Sugestões de Leitura”. Em “Vulcânicos Sobre\_Viventes: Notas Suss\_Urradas a partir de Vulcânico PaLavrador, de AB”, Diogo Marques partilha algumas notas sobre a sua leitura de *Vulcânico PaLavrador. Uma Elegia a António Aragão*, livro de António Barros, publicado em 2021 com a chancela do MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira, ainda no âmbito do centenário de António Aragão. E em “Bibliografia de António Aragão”, uma vez mais recorrendo a um código QR, fazemos a ponte com a *timeline* criada por Bruno Ministro para o sítio em linha do Arquivo Digital da PO.EX, convidando os nossos leitores não só a conhecerem o percurso literário e criativo de António Aragão ao longo do tempo, mas também (e talvez sobretudo) a lerem os textos que foi publicando em diversos formatos e que este arquivo digital aí reuniu e disponibiliza em acesso aberto.

Com o número 4 de TRANSLOCAL, esperamos avançar com algumas respostas possíveis aos múltiplos questionamentos que a obra de António Aragão nos deixa: qual a importância e a atualidade dos seus estudos? Qual a relevância dos seus textos para compreender a multiplicidade da literatura e da sua relação com outras artes? Qual o lugar do autor no contexto do experimentalismo literário? Que estímulos na sua obra permitem pensar a sociedade mediada? Que nos dizem esses exercícios sobre o seu momento e que aspetos do seu pensamento ainda perduram? Que marcas deixou a sua ação comunicativa? Que rasto das suas interlocuções com agentes da cultura e das artes do seu tempo identificamos? Que nos ensina o seu espírito crítico sobre a importância de desviar (d)as normas?

